

A EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA DE PAULO FREIRE

Prof. Sérgio de Freitas Oliveira (Orientador)¹

Alunos do 1º Período do Curso de Pedagogia da PUC Minas²

Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido, de Moacir Gadotti (Novo Hamburgo (RS): Feevale, 2003. 80 p.), pretende despertar a consciência dos educadores e dos futuros educadores sobre a importância de seu papel formador, para que “o sonho que embalam em suas mentes e em seus corações possa tornar-se realidade”.

Moacir Gadotti, doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra (Suíça), com várias obras publicadas sobre a formação crítica do educador e a construção da Escola Cidadã, é Professor Titular da Faculdade de Educação da USP e Livre-docente pela Unicamp. Foi ex-aluno de Freire e chefe de gabinete da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo na sua gestão; atualmente é diretor do Instituto Paulo Freire, que desenvolve inúmeros projetos de educação popular.

Nos sete capítulos em que a obra se divide, o autor trata de temas importantes para o educador ter uma formação rica em valores, reflexões, descobertas e construções teóricas. O livro aborda temas essenciais para a formação de um educador na sociedade contemporânea.

Para Paulo Freire, não há futuro sem educadores. No entanto, questiona como a profissão é tratada pelos alunos, pelo sistema e até pelos próprios educadores, inspirado, sem dúvida, na ideia de que, para a educação ser transformadora, ela precisa estar centrada na vida daqueles que educam. O livro permite uma visão crítica e reflexiva, que atravessa as paredes das instituições de ensino e leva o leitor a caminhos que ligam o ensino a suas vidas.

No primeiro capítulo, “*Por que ser professor*”, Gadotti conta que se inspirou em Paulo Freire, demonstrando a importância desse grande educador em sua trajetória acadêmica. Freire fala de esperança, de sonho possível, do sentido como um caminho não percorrido, mas que se deseja percorrer. Gadotti, no entanto, mostra que os estudantes de pedagogia e das outras licenciaturas, normalmente, não se preocupam em se dedicar às salas de aula. Apesar de se prepararem para ser professores, acabam exercendo outras profissões.

¹ Professor Adjunto II na PUC Minas, licenciado em Letras e em Pedagogia, Mestre em Letras - Linguística e Língua Portuguesa. Doutorando em Letras - Linguística e Língua Portuguesa E-mail: sergiofoliveira48@gmail.com

² Sob a orientação do professor de Metodologia do Trabalho Científico, no segundo semestre de 2016, os alunos do Curso de Pedagogia, no final do 1º período, depois de lerem o livro, produziram seus textos, individualmente e em pequenos grupos, apresentando-os oralmente para os colegas, que opinaram sobre a forma como deveriam compor a resenha.

No Brasil, o professor é desvalorizado e, muitas vezes, não há o esclarecimento do real trabalho do pedagogo na educação, que vai muito além do alfabetizar.

Quando se questiona o que é ser professor, temos como resposta que os professores possuem as armas necessárias para transformar o mundo e as pessoas, possibilitando que se alcance um mundo mais justo e melhor.

O ofício do professor está, realmente, em risco de extinção? Essa é a pergunta que o autor trata de responder no segundo capítulo, “*Crise de identidade, crise de sentido*”. Gadotti afirma que sim, dizendo que o velho professor está desaparecendo. Mas um outro professor está nascendo em seu lugar. Portanto, a questão não é a morte da profissão do professor, e sim a transformação que está ocorrendo em sua função, que precisa sempre se adequar ao contexto da atualidade, às suas demandas e às suas dificuldades.

Quando diz “não há nação sem professor” (p. 21), fica clara a responsabilidade que está atrelada à escolha de ser professor. Apesar das visões prematuras a respeito do significado da profissão, da desvalorização do professor e das dificuldades diárias, precisamos ser agentes da mudança na educação. Há necessidade de um educador renovado, que não seja um mero transmissor de conteúdo, e sim um professor emancipador, que torne as pessoas mais livres, críticas, humanas e menos dependentes do poder econômico, político e social.

No terceiro capítulo, “*Formação continuada do professor*”, Gadotti defende que seja permanente a formação do professor. Ela precisa ser assumida como uma oportunidade de reflexão crítica sobre a sua prática, de revisão do seu modo de agir, “e não como momento de aprendizagem de novas técnicas, atualização em novas receitas pedagógicas ou aprendizagem das últimas inovações tecnológicas” (p. 31).

Para Paulo Freire, “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática” (p. 31).

Neste capítulo, Gadotti insiste na força do coletivo, no compartilhamento de saberes, numa postura colaborativa entre os profissionais da educação, que se contrapõe à lógica vigente, individualista e competitiva. “Quando os professores aprendem juntos, cada um pode aprender com o outro. Isso os leva a compartilhar evidências, informação, e a buscar soluções. A partir daqui os problemas importantes das escolas começam a ser enfrentados com a colaboração entre todos” (p. 31).

Ao mesmo tempo em que as escolas precisam de um projeto político-pedagógico para orientar suas ações, o próprio professor, igualmente, precisa construir o **seu** projeto político-pedagógico. Evidentemente, um projeto pessoal que dialogue com o da escola e o dos demais

professores. É um movimento de soma e de multiplicação, não de subtração nem, muito menos, de divisão.

No quarto capítulo, “*Ser professor na sociedade aprendente*”, Gadotti relata a pesquisa feita com seus alunos de licenciatura da Faculdade de Educação da USP – Universidade de São Paulo, para analisar o que o professor dos dias atuais precisa saber. Com essa pesquisa, concluiu-se que “o professor precisa fazer da profissão um projeto de vida” (p. 39).

O professor não pode ser reduzido a algum tipo de técnica, mas deve ser visto de maneira completa, mencionando *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire e “os saberes necessários às práticas educativas” (p. 41).

Para Gadotti, o professor deve instigar o gosto do aluno pelo aprendizado. Segundo ele,

para o professor ter êxito nessa sociedade aprendente, precisa ter clareza sobre o que é conhecer, como se conhece, por que conhecer, mas um dos segredos do chamado ‘bom professor’ é trabalhar com prazer, gostando do que faz. A gente faz sempre bem o que gosta de fazer. Só é bem sucedido aquele ou aquela que faz o que gosta (p. 44).

No quinto capítulo, “*Aprender com emoção, ensinar com alegria*”, Gadotti enfatiza o verdadeiro significado de “aprender”. O professor deve lecionar de forma que o aluno aprenda e perceba que o conteúdo que está sendo proposto fará diferença em sua vida. É preciso que o aluno se interesse e se identifique com o que o professor ensina.

Temos a consciência de que a educação é necessária para o desenvolvimento do ser humano, tornando-o um indivíduo crítico e preparado para lidar com as exigências que o mundo e a sociedade lhe cobram.

Gadotti reconhece a dificuldade do próprio professor em considerar e admitir que ele também aprende ensinando, da mesma forma que o aluno aprende com o auxílio do mestre. Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, afirma que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (p. 49). Nesse processo, faz-se presente a troca de conhecimentos, o que facilita na relação professor/aluno, tornando a aula mais interessante e despertando no aluno o desejo de aprender.

O sexto capítulo, “*Educar para uma vida sustentável*”, aborda a sustentabilidade como vertente no campo educacional, pois esta é, geralmente, pensada somente no campo da ecologia. Gadotti sugere que precisamos de uma Pedagogia da Terra, para que o pedagogo

possa contribuir, de maneira eficaz, no processo de construção da consciência ecológica do educando.

O autor define o que seria essa Pedagogia da Terra em seis parágrafos: (i) Educar para pensar globalmente, (ii) Educar os sentimentos, (iii) Ensinar a identidade terrena como condição humana essencial, (iv) Formar para a consciência planetária, (v) Formar para a compreensão e (vi) Educar para a simplicidade e para a quietude. Essa filosofia nos faz refletir a respeito do papel do educador na construção de uma consciência humanizadora e crítica no educando, diante do cenário catastrófico no qual se encontra o planeta Terra.

Em suma, o capítulo enfatiza que o universo não está lá fora, está dentro de nós, e que “a boniteza de ser professor está no fato de ser uma atividade desafiadora, cheia de cores, tempos e espaços diferentes” (p. 63).

Gadotti, no sétimo capítulo, “*Ser professor, ser educador*”, aponta diferenças entre ser professor e ser educador, associando os dois conceitos, respectivamente, a profissão e a vocação. Segundo ele, o educador tem visão futurista, e luta por um mundo “possível”, em que haja lugar para todos. Todo professor competente é um educador, pois não é indiferente aos conflitos sociais que acometem a sociedade. A verdadeira educação está centrada na humanidade, considerando os indivíduos, “suas culturas, o modo de vida das pessoas e sua identidade” (p. 71).

Concluindo, nesta obra, Gadotti reflete acerca do sonho de Paulo Freire e traça o perfil de um educador emancipador, defendendo uma educação libertadora. “Uma educação sem esperança não é educação” (p. 70), pois a educação, por si, é a esperança da construção de um mundo melhor. Para tanto, ele destaca a importância da troca de conhecimentos entre o educador e o educando, respeitando as realidades distintas de cada um.

Gadotti frisa, ainda, a importância de se ter esperança na profissão, por considerá-la como o início de uma mudança no cenário vivido pelos educadores e pelo sistema de ensino brasileiro.

Para finalizar, Gadotti (p. 74) afirma que ser professor, na acepção mais genuína, é...
... ser capaz de fazer o outro aprender, desenvolver-se criticamente,
... reencantar,
... despertar a capacidade de sonhar,
... despertar a crença de que é possível mudar o mundo!